

Educação a distância baseada na Web 2.0: a emergência de uma Pedagogia 2.0

*Gabriela Grosseck**

*Simão Pedro P. Marinho***

*Lorena Tárzia****

Resumo

Neste trabalho é considerada a possibilidade de uso de interfaces da Web 2.0 integradas na educação a distância, para além dos ambientes virtuais de aprendizagem. Contudo, para que esse uso seja efetivo, será necessário pensar uma Pedagogia 2.0, num desafio a professores e instituições de ensino superior para o estabelecimento da Universidade 2.0, contemporânea de uma sociedade em rede.

Palavras-chave: Educação a distância – Internet – Web 2.0 – Pedagogia – Ensino superior.

Web 2.0-based distance learning: the emergence of a Pedagogy 2.0

Abstract

This paper considers the possibility of using some Web 2.0 interfaces integrated to the distance education, beyond the learning management systems. However, in order to that use be effective, it is necessary to think about a Pedagogy 2.0, in a challenge to faculty and higher education institutions to establish the University 2.0, contemporary of a network society.

Keywords: Distance learning – Internet – Web 2.0 – Pedagogy – Higher education.

* Universidade Ocidental de Timisoara, Faculdade de Sociologia e Psicologia. Timisoara, Romênia.

** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Educação. Belo Horizonte, Brasil.

***Centro Universitário de Belo Horizonte. Belo Horizonte, Brasil.

Educación a distancia basada en la Web 2.0: la emergencia de una Pedagogía 2.0

Resumen

En el trabajo se considera la posibilidad de uso de las interfaces de la Web 2.0 cuando integradas en la educación a distancia, para allá de los entornos virtuales de aprendizaje. Sin embargo, de modo que ese uso sea efectivo, será necesario pensar una Pedagogía 2.0 que desafía profesores e instituciones de enseñanza superior para la organización de una Universidad 2.0, contemporánea de una sociedad en red.

Palabras claves: Educación a distancia – Internet – Web 2.0 – Pedagogía – Enseñanza superior.

Introdução

Estamos vivendo uma “nova e perturbadora fase da *sociedade da informação*” (REDING, 2006). Somos sujeitos em uma *sociedade do conhecimento* (LYOTARD, 1998) ou *sociedade informacional* (TOFLER, 1990), fortemente influenciada pelas tecnologias digitais da informação e comunicação. Estamos imersos em uma realidade da progressiva e acelerada convergência de mídias (MARINHO et al, 2008), na qual as tecnologias digitais de informação em comunicação se cruzam e se complementam, e da expansão acelerada da educação a distância, especialmente em sua modalidade *on-line*. São fenômenos de uma *sociedade em rede* (CASTELLS, 1999), em que o conhecimento assume uma posição privilegiada, seja como fonte de valor, seja como fonte de poder.

Os cidadãos informados e responsáveis que vivem em uma sociedade rica em informação e de complexidade crescente, neste século XXI, devem estar preparados para serem usuários das tecnologias digitais da informação e comunicação, buscadores, analisadores e avaliadores de informação, solucionadores de problemas e tomadores de decisão, usuários criativos e eficientes de ferramentas de produtividade e comunicadores, colaboradores, editores e produtores (UNESCO, 2008).

Em tal cenário, a internet, especialmente por conta de suas interfaces conhecidas como Web 2.0, potencializa-se como um elemento de extrema importância.

A Web 2.0 e educação

A Web 2.0 foi definida a partir de diferentes perspectivas, por diferentes autores. Entretanto, tais definições não se excluem. De forma resumida, a Web 2.0 representaria uma segunda geração ou uma forma aprimorada da Web, que enfatiza colaboração e partilha de conhecimentos e conteúdos entre os usuários e está baseada no chamado *software* social.

O *software* social, marcado pela flexibilidade e facilidade de uso, vem sendo definido como uma ferramenta que aumenta habilidades sociais e colaborativas humanas, apoiando comunicações em grupo em que a interação estaria apoiada em regras e em procedimentos de negociação (SHIRKY, 2003), como um meio que facilita conexões sociais e o intercâmbio de informações e até como uma ecologia, ao permitir um “sistema de pessoas, práticas, valores e tecnologias num ambiente particular local” (SUTER; ALEXANDER; KAPLAN, 2005). Para LIN (2007), mais do que tecnologia, a Web 2.0 é atitude.

O “fenômeno” da Web 2.0 nos oferece escritórios virtuais, sites de compartilhamento de fotos, vídeos, áudio e slides, espaços para a escrita cooperativa ou colaborativa, uma profusão de comunidades virtuais e redes sociais e até uma Segunda Vida (*Second Life*) virtual. Suas interfaces incluem blogs, wikis, *content syndication* (RSS), *tag-based folksonomies*, *social bookmarking*, compartilhamento de mídias, redes sociais e outros recursos.

Embora a Web 2.0 não tenha sido projetada especificamente para finalidades educacionais, sua integração vem sendo entendida como, no mínimo, benéfica para uma educação a distância (EAD) baseada na internet, a educação *on-line*. E não são poucos aqueles que se surpreendem quando verificam como as interfaces da Web 2.0 têm muito a oferecer aos educadores, contribuindo para a melhoria da aprendizagem e encorajando a criação e o aprofundamento do conhecimento (COUTINHO, 2008). O principal argumento para isso está no fato de que uma Educação 2.0 contribuirá para uma nova conceitualização da EAD e do *e-learning*, tanto da perspectiva do aprendiz como das instituições, fazendo com que o estudante esteja no centro dos processos de aprendizagem.

Dessa forma, uma EAD 2.0, ou o *e-learning* 2.0, marcaria uma mudança em relação às gerações anteriores da EAD, nas quais os estudantes eram “consumidores de informação”. Avança-se para uma nova geração constituída pelo que vem sendo chamado em inglês de *prosumer*, uma combinação de consumidor e produtor. Trata-se de levar os sujeitos a serem coautores daquilo que se oferece na Web 2.0, ao mesmo tempo produtores e consumidores em uma *sociedade da autoria* (MARINHO, 2008), não mais apenas leitores atentos. Trata-se também de ir além dos limites dos ambientes virtuais de aprendizagem, muitos elaborados na lógica da velha escola.

Essa realidade acaba por requerer não apenas uma mudança tecnológica na oferta de novas interfaces ou recursos *on-line*. Faz-se necessária uma mudança ainda mais importante: a de ordem conceitual, na qual uma aprendizagem colaborativa assentada em *software* social (DRON, 2006; JADIN, 2007) pode ser a chave.

Embora “Web 2.0” seja claramente a palavra da moda, por baixo de todo o exagero, essa “nova internet” detém notável potencial para suprir as necessidades de um grande número de alunos de faculdades e universidades, reforçando sua aprendizagem por meio de experiências de customização, personalização e ricas oportunidades de *networking* e colaboração.

Aliás, a Web 2.0 tem algo de novo a compartilhar com a educação: o desenvolvimento de características que possam vir a constituir uma nova pedagogia que leve em conta as tecnologias digitais de informação e comunicação no século XXI. Seria uma Pedagogia 2.0 (DRON, 2006; McLOUGHLIN; LEE, 2007) a ser praticada em uma Universidade 2.0.

De um modo geral, pedagogia é a arte ou ciência de ensino, a instrução em métodos de ensino. Extrapolando essa definição para as novas tecnologias Web, poderíamos afirmar que a Pedagogia 2.0 seria, por analogia, a arte ou a ciência de ensinar com tecnologias da Web 2.0.

Central a essa visão é a tomada de consciência da necessidade de responder a algumas perguntas, tais como:

- Em tempos de convergência de mídia, com a Web 2.0, que tipo de educação desejamos ou precisamos?

- A Web 2.0 representa, de fato, uma grande mudança paradigmática ou conceitual, que possa ser utilizada para transformar o ensino e a aprendizagem?
- As novas tecnologias têm efetivamente algo de novo a nos oferecer na perspectiva da melhoria de nossas práticas pedagógicas?
- Que tipos de relacionamentos de aprendizagem desejamos promover?
- Quais competências queremos que os educandos desenvolvam?
- Dentre as ferramentas e recursos que estão à nossa disposição para apoiar a aprendizagem, quais seriam os mais efetivos?
- Estarão as instituições de ensino superior preparadas para se adaptar à influência das interfaces da Web 2.0, cuja utilização pelos estudantes, fora da sala de aula, em redes sociais, na coleta de informação e na criação de valor, cada vez mais se amplia?
- Quais seriam os exemplos de “melhores práticas” e “bons princípios” de que dispomos nesta área – se é que eles existem – e como podemos aprender com eles?

Antes de esboçarmos algumas respostas possíveis, é necessário interpretar as interfaces da Web 2.0 a partir de uma perspectiva pedagógica, para que os alunos possam se tornar digitalmente fluentes e prontos para os desafios da sociedade do conhecimento.

Assim, em primeiro lugar, como educadores não somos forçados a seguir nem um currículo exigente, cheio de conceitos teóricos, nem um que reivindique flexibilidade intelectual, mas sim aqueles programas que envolvam as competências úteis para a futura graduação encontrar um emprego.

Em segundo lugar, temos que demandar de nossos alunos, no uso dos recursos da Web 2.0, demonstrações de iniciativa e responsabilidade, curiosidade e imaginação. Além disso, deverão possuir habilidade para explorar, criatividade para trabalhar cooperativamente e de forma construtiva em redes (BESSENYEI, 2008), para comunicarem-se distintamente e colaborarem uns com os outros, para serem abertos no sentido de identificar e resolver problemas. Mais importante ainda, devemos solicitar-lhes que desempenhem um diálogo frutífero em questões

educativas e sociais. Só dessa forma poderemos fazer com que os estudantes encarem experiências de conhecimento, ao abandonar o ensino tradicional e adotar uma forma de atividade baseada tanto no trabalho em grupo quanto no individual.

A mudança no método de ensino, porém, está intimamente ligada aos atributos das tecnologias da Web 2.0, que permitem aos alunos colaborar, envolver-se ativamente na criação de conteúdos e compartilhar ou trocar informações *on-line*. Nossos alunos deverão estar envolvidos em processos nos quais o papel da troca informal de informação, organizada em redes e apoiada por ferramentas eletrônicas, tornar-se-á cada vez mais significativa, na emergência de um conectivismo (SIEMENS, 2006).

Assim, a Web 2.0 pode ser um vetor de mudança e inovação na medida em que:

- modifica continuamente o paradigma clássico da geração e da transmissão de conhecimento, ao ser espaço de leitura e escrita em diversas linguagens interativas;
- contribui para a melhoria da qualidade da aprendizagem, forçando-nos a adotar outras formas de alterar e administrar o currículo;
- longe de dividir ou de estabelecer “guetos” de informação¹, cria novas oportunidades, especialmente de reunião e conexão, por meio de redes sociais;
- facilita um novo contexto educacional, com novos procedimentos, funções e relações, formando e cultivando a geração mais jovem (determina o recolhimento do ensino tradicional);
- apoia o educador com ferramentas e serviços de fácil manuseio e implementação, eliminando, assim, o medo da tecnologia. Usar essas tecnologias não representa “uma aquisição elitista”, mas uma prática generalizada, especialmente porque, uma vez utilizando tecnologias da Web 2.0, trabalhos técnicos podem ser resolvidos mais facilmente;

¹ A Web 2.0 significa também um monte de lixo eletrônico, um número excessivo de aplicações *beta*, a proliferação de *spams*, vandalismo e *cyberbullying*.

- favorece aqueles aos quais ensinamos a desistir da escuta passiva em favor do envolvimento ativo;
- potencializa relações didáticas *on-line*, em um ambiente que exige mínimas competências digitais de manipular o computador e a internet;
- permite que os estudantes aprendam uns com os outros, em diversos graus, ensejando o exercício da autonomia para a tomada de decisões e a ação;
- transforma os tradicionais métodos pedagógicos com os quais a escola vem funcionando, oferecendo alternativas em uma sociedade marcada pela pluralidade das fontes de informação e por acesso a elas cada vez mais facilitado;
- cria as premissas para a aprendizagem personalizada e cooperativa ou colaborativa, com estudantes e professores apoiando-se mutuamente, para aprendizagem distributiva e contínua;
- promove o interesse pelo conhecimento, estimulando os estudantes em novas aventuras no conhecimento;
- permite maior distribuição espacial do conhecimento;
- possibilita a criação de verdadeiras comunidades de aprendizagem;
- reforça o princípio da partilha de informações ou competências, no exercício da inteligência coletiva (LÉVY, 1998) e
- fornece respostas ao desafio de saber condutas intelectuais semelhantes.

Por outro lado, a aliança entre o contexto tecnológico e o processo de ensino/aprendizagem acaba colocando uma série de problemas. Assim, as novas tecnologias devem ser introduzidas no currículo de maneira adequada e não por uma simples eleição. O professor deve provar que tais tecnologias funcionam, antes de usá-las efetivamente para trabalhar com seus alunos. Então, como educadores, temos o dever de apurar a massa de tecnologias (figura 1 na página seguinte) para fazer uma seleção de recursos que estejam adequados aos nossos propósitos educacionais. Afinal, quanto maior o volume de coisas que podemos ensinar, maior certamente será a necessidade de tornar nossos

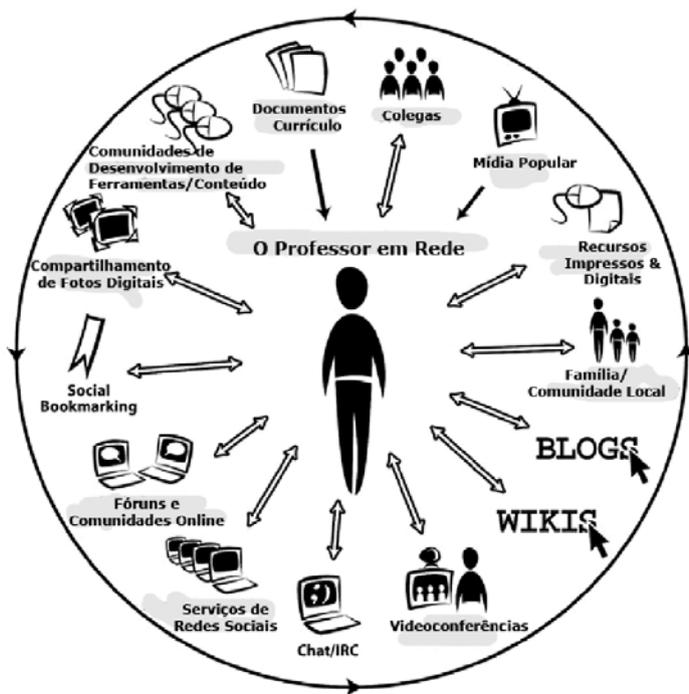


Figura 1 – O Ecossistema da Web 2.0 utilizado por professores.
Adaptado de Lachance, Pierre (2007)

alunos responsáveis, a fim de se tornarem eficazes e eficientes parceiros no ato de ensino/aprendizagem, ativos na produção e difusão de info-conhecimento, exercendo sua mais importante competência que é a criação de conteúdo *on-line*.

Não devemos esquecer que abusar da Web 2.0 pode significar bloquear ou aniquilar o processamento de informação e diminuir a qualidade da aprendizagem. Nesse contexto, todos os agentes educativos (professores, gestores, os definidores das políticas e até mesmo os bibliotecários) devem ser iniciados, por meio de programas especiais ou sessões de treinamento em tópico específico.

Embora haja um consenso geral sobre os aspectos positivos da Web 2.0 no ensino, existe ainda a ignorância dos educadores em relação à sua adoção. Essa ignorância se materializa:

- quando se produz um curto-circuito na reflexão e debate sobre o impacto desta nova tendência tecnológica sobre educação;
- na rejeição do “novo” ao dizer que não devemos tolerar “a sujeição a uma cultura estadunidense”;
- na imaturidade tecnológica, destroçada pela indiferença e pela ausência de abertura a novas ideias e experiências didáticas;
- no dogmatismo intelectual e acadêmico;
- na esclerose do pensamento científico;
- na erosão da criatividade;
- em atitudes oportunistas e na incorporação de uma identidade ambígua daquele que seria uma espécie de “*dandy da informação*”²;
- ao limitar-se à periferia das metodologias do trabalho intelectual. No contexto de proliferação da Web 2.0, sem estarmos suficientemente informados corremos o risco de oferecer aos alunos uma formação precária e confusa;
- em incomodadas reações de “comunidades de porão” que podem, muitas vezes, ser tentadas a considerar a introdução de tecnologias Web 2.0 em suas instituições como meros caprichos;
- no tensionamento das relações de trabalho e criação de complexos de notoriedade em relação a colegas que adotaram a nova onda da Web.

Nessas circunstâncias, entendemos que é necessário reconsiderar o papel dos educadores. Assim, é preciso que:

- assumamos uma nova atitude, sem contudo irmos a extremos;

² Um “*dandy da informação*” é uma pessoa que recolhe informações apenas para si e não para passar adiante. A partilha de conhecimentos, ideia típica de Web 2.0, argumenta contra a tese de que quem mantém o conhecimento para si próprio torna-se forte. Pelo contrário, a nova perspectiva tenta mostrar que aqueles que compartilham o que sabem de fato se tornam mais ricos, completando suas próprias ideias com as dos outros (ver BABETI, Adriana. *O istoric*, Iasi, Bucareste: Polirom, 2004).

- estejamos preparados para contribuir na alfabetização digital dos alunos, se necessário;
- nos estabeleçamos como fatores de inovação na educação, promovendo novos objetos pedagógicos, tais como cursos no formato de áudio/vídeo (*podcasts, videocasts*), livros ou manuais na forma de *wiki*;
- nos comuniquemos com nossos alunos por meio de blogs e outras ferramentas por eles utilizadas fora da escola, num rico contato que nos ajudará a desempenhar as funções que nos cabem além daquela de ensinar (MOORE; KEARSLEY, 2007);
- tentemos trazer argumentos em favor de uma correta postura quando confrontados com essas realidades;
- pleiteemos em favor da renovação das ferramentas de apoio psicopedagógico;
- atuemos como agentes de inovação na escola, com o objetivo de ultrapassar barreiras internas e formar um grupo coerente, que fale a mesma linguagem.

Considerações finais

Além de tudo isso, seria muito oportuno aproveitar o prazer oferecido pelo ato de conhecimento. E por fim, mas nem por isso menos importante, trabalhar muito, investir grande quantidade de tempo para a autoformação, por vezes até mesmo em detrimento do lazer e do descanso, sem, contudo, deixar de lutar pelo necessário reconhecimento desses esforços.

Para atuar de forma decisiva na educação a distância em tempos de internet e Web 2.0, os docentes precisam entender como estudantes, professores, tutores e as tecnologias se integram e contribuem para gerar conhecimento em comunidades de aprendizagem estruturadas em rede, sociais e tecnológicas. Para enfrentar os desafios da mudança, os docentes necessitam exercitar novas práticas pedagógicas e deter competências e habilidades que certamente não eram requeridas em um passado relativamente recente. Se as instituições esperam que, efetivamente, seus docentes se envolvam nessa mudança, além de estimulá-los na busca do novo e em sua plena experimentação, deverão pro-

porcionar-lhes acesso aos recursos e o apoio para seu uso, assegurando-lhes possibilidades concretas de formação continuada. É essencial que as instituições ofereçam aos docentes “a segurança, o apoio e o bem-estar necessários para que eles ousem questionar suas práticas e engajar-se nos processos de mudança” (THURLER, 2001). Além disso, deverão flexibilizar sua arquitetura pedagógica (BEHAR, 2009), não raro imposta aos docentes, de modo a lhes permitir exercer autorias sendo sujeitos na construção conjunta do planejamento dos cursos.

Os docentes, também aprendizes permanentes, por seu lado, deverão entender que seu papel em um mundo mergulhado em informação já foi ressignificado. Deverão necessariamente sair de sua “zona de conforto docente” (MARINHO, 2007), sob o risco de continuar oferecendo, em pleno século XXI, uma educação do século XIX, de estar fazendo, em plena Idade Mídia, uma educação que mais lembra a da Idade Média.

Referências bibliográficas

- BEHAR, Patrícia A. Modelos pedagógicos em educação a distância. In: _____. et al. *Modelos pedagógicos em educação a distância*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BESSENYEI, István. Learning and teaching in the information society. ELearning 2.0 and connectivism. *J. Social Informatics*, n. 9, p. 4-14, jun. 2008.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- COUTINHO, Clara P. Web 2.0 tools in pre-service teacher education programs: an example from Portugal. In: ECEL 2008 – European Conference on e-learning, 7., Ágria Napa, Chipre, 2008.
- DRON, Jon. Pedagogy 2.0. In: NETTIES International Conference – The future of E: advance educational technologies for a future e-Europe, 12., Timisoara, Romania, 2006.
- GROSSECK, Gabriela; MALITA, Laura. Web 2.0 technologies as teaching tools. In: DPPD Conference, Oradea, Romênia, 2007.
- JADIN, Tanya. Social Software für kollaboratives Lernen. In: BATINIC, Bernard; KOLLER, Alfons; SIKORA, Hermann. (Orgs.). *E-Learning, digitale Medien und lebenslanges Lernen: Schriftenreihe E-Learning*. Linz: Trauner, 2007. p. 23-35.

LACHANCE, Pierre. *Web 2.0 et l'intégration des TIC*. Disponível em: <http://recit.org/index.php/mst/2007/02/06/web_2_0_et_1_integracion_des_tic>. Acesso em: 26 out. 2007.

LÈVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 1998.

LIN, Kwei-Jay. *Building Web 2.0. computer*, New York, NY, n. 5, p. 101-102, mai. 2007.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

MARINHO, Simão Pedro P. A tecno-ausência na formação inicial do professor da educação básica na visão de docentes de licenciaturas. In: SCHWARTZ, Cleonara M. et al. (Orgs.). *Desafios da educação básica e pesquisa em educação*. Vitória: Edufes, 2007. p. 177-199.

_____. et al. In times of media convergence, incorporating Web 2.0 in the curriculum is the new challenge to the schools. *J. Social Informatics*, n. 9, p. 15-30, jun. 2008.

McLOUGHLIN, Catherine; LEE, Mark J. W. Social software and participatory learning: pedagogical choices with technology affordances in the Web 2.0 era. In: *ASCILITE*, Singapura, 2007. Disponível em: <<http://www.ascilite.org.au/conferences/singapore07/procs/mcloughlin.pdf>>. Acesso em: 2 fev. 2009.

MOORE, Michael; KEARSLEY, Greg. *Educação a distância: uma visão integrada*. São Paulo: Thompson Learning, 2007.

REDING, Viviane. The disruptive force of Web2.0: how the new generation will define the future. In: Youth Forum, China, 2006. Disponível em: <<http://europa.eu/rapid/pressReleasesAction.do?reference=SPEECH/06/773&format=PDF&aged=1&language=EN&guiLanguage=en>>. Acesso em: 5 jan. 2007.

SHIRKY, Clay. *Social software and the politics of groups*. New York: Clay Shirky Consultant, 2003. Disponível em: <http://shirky.com/writings/group_politics.html>. Acesso em: 28 fev. 2009.

SIEMENS, George. *Connectivism: learning theory or pastime of the self-amused?* Manitoba, Canada: Learning Technologies Centre, 2006. Disponível em: <http://www.elearnspace.org/Articles/Connectivism_response.doc>. Acesso em: 19 jan. 2007.

SUTER, Vicki; ALEXANDER, Bryan; KAPLAN, Pascal. Social software and the future of conferences: Right Now. *EDUCAUSE Review*, v. 40, n. 1, p. 46-59, 2005.

THURLER, Monica G. *Inovar no interior da escola*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

TOFFLER, Alvin. *Powershift: as mudanças do poder*. Rio de Janeiro: Record, 1990.

UNESCO (2008). ICT competency standards for teachers Paris: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. Disponível em: <[http://cst.unescoci.org/sites/projects/cst/The%20Standards/ICT-CST Policy%20Framework.pdf](http://cst.unescoci.org/sites/projects/cst/The%20Standards/ICT-CST%20Policy%20Framework.pdf)>. Acesso em: 17 mar. 2008.

Contacto com os coautores por intermédio de

Prof. Dr. Simão Pedro P. Marinho

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Programa de Pós-graduação em Educação.

Avenida Itaú 505

30535-012 – Belo Horizonte/MG

(31)3412.7269 – (31)9992.4904

sppm@uol.com.br

Recebido em 2 de fevereiro de 2009

Aceito em 18 de março de 2009